

V

Ó R A C A M

F U N E B R E

N A S E X E Q U I A S

DA SERENISSIMA RAINHA, E S. N.

D. MARIA SOFIA

ISABEL DE NEOBURG,

CELEBRADAS NO REAL MOSTEYRO DE

S. Dinis de Odivellas no dia 19. de Outubro de 1699.

P R E G O U A

DOM PEDRO DA ENCARNAC, AM,

Comigo Regular de Santo Augustinho da Congregação

de Santa Cruz de Coimbra,

E A D E D I C A

A O E M I N E N T I S S I M O S E N H O R

L U I S D E S O U S A ,

CARDEAL DA SANTA IGREJA DE ROMA,

Arcebispo de Lisboa, do Concelho de Estado de Sua

Magestade, & seu Cappellaõ Mòr, &c.

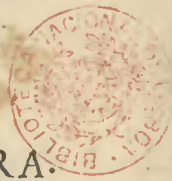
✠

L I S B O A .

Na Officina de MANOEL LOPES FERREYRA.

M. DCC.

Com todas as licenças necessarias.



O R A C I O

FUNEBRE

NAS EXEQUIAS

DA SERENISSIMA RAINHA E.S.M.

D. MARIA SOFIA

ISABEL DE NEOBURG

CELEBRADAS NO REAL MOSTEIRO DE

S. VICENTE DE OUTROS em 17 de Outubro de 1744

DOM PEDRO D. ALCARAZ AM.

Cordeiro Regente de S. M. e S. R. e de S. C.

de S. M. e S. R. e de S. C.

de S. M. e S. R. e de S. C.

DO EMINENTISSIMO SENHOR

LUIS DE SOUSA

CARDEAL DA SANTA IGREJA DE ROMA

Arcebispo de Lisboa e de S. Paulo de S. Paulo

Magistral de S. C. e de S. C.

L I S B O A

DE OFFICINA DE MANOEL LOPES FERREIRA

M. DC.

Com todos os honras necessarias



AO EMINENTISSIMO SENHOR

# LUIS DE SOUSA,

CARDEAL DA S. IGREJA DE ROMA,  
Arcebispo de Lisboa, do Concelho de Estado de  
Sua Magestade, & seu Cappellaõ Mòr, &c.



*E para se illustrarem as sombras, só podem contribuir alentos os resplandores, nos sublimes quanto magnificos lúsimetos de V. Eminencia busca o mais brilhante patrocínio a minha ignorancia, seguro de que os precisos obices da censura possaõ desluzir este funebre Panegyrico; pois conseguirá nos respeytos do Mecenas o que póde reclear nas faltas do Orador. A obediencia de hum Superior, & repetido preceyto me fez inescusavel representar aos olhos do mundo o que só merecia os cárceres do silencio: porẽm considerey ao mesmo tempo, q̄ se mais que todos devia eu manifestar hũ inextinguivel sentimento, ainda era este limitado sacrificio; pois quem attender a motivo taõ inescusavel, considerará só que quiz gravar nas letras os suspiros, sem intro-*

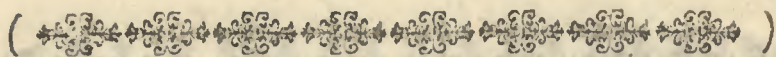


duzir-se a especulaçõ dos erros. Com este salvo condu-  
to dedico a V. Eminencia esta exterior victima do meu  
pranto, por todas as rasões devida, & por todos os  
motivos justificada: porque se o leal affecto de V. Emi-  
nencia manifesta ainda o sentido excessso da sua ma-  
goa, pelo muyto que a Rainha N. S. que Deos tem, sou-  
be estimar as prendas de V. Eminencia, a quem se po-  
dia offerecer este luçtuoso holocausto, senã a que acer-  
ta a fabricar durações no sentimento? No relevante  
discurso de V. Eminencia adquire este Panegyrico ou-  
tro motivo inevitavel para se lhe consagrar; pois se só  
sabe sentir aquelle que acerta a conhecer, como V. E-  
minencia terá o melhor conceyto de taõ penosa falta,  
qualificarã com melhor attençaõ esta incomparavel  
pena. Finalmente se quanto mais elevado se sublima  
o monte, mais seguro de injurias se jacta o valle, no so-  
berano monte de V. Eminencia terá o valle da minha  
insufficiencia as melhores sombras; em que só peço a  
V. Eminencia desculpe hũa ousadia fabricada na of-  
ficina do affecto, para expressã de hum rendimento o  
mais obrigado, que espera em V. Eminencia o auxilio  
mais generoso. Guarde Deos a V. Eminencia.

Mais humilde Orador, & servo de V. Eminencia.

D. PEDRO DA ENCARNAC, AM.

NA



*NA ORAC, AM FUNEBRE, QUE O  
M.R.P.M. Dom Pedro da Encarnação, Conigo  
Regular da Ordem de Santo Augustinho, fez  
nas Exequias da Serenissima Rainha N. S.  
no Real Convento de S. Dinis de  
Odivellas.*

DE TROILLO DE VASCONCELLOS

S O N E T O.

**A** Quella dor mortal hoje explicada  
De superior alento, se duvida,  
Se executada he mais para sentida,  
Se repetida he mais para chorada?  
Mas quando alta eloquencia superada  
A verdade deyxou por excedida,  
Mais atormenta a magoa persuadida,  
Menos avulta a pena executada.  
Sendo cruel estimulo ao tormento,  
Mayor saõ da alma horror, da vida espanto  
Pasmõ a elegancia, a narraçaõ portento.  
Obsequio sabio a sentimento tanto,  
Que mais cultos dedica ao sentimento  
Quem mais motivos multiplica ao pranto.

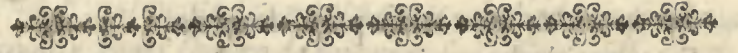
(  )

# DO SENHOR DE MELLO

D E C I M A S.

**D**E sorte nos elevastes  
Neste Sermaõ que fizesstes,  
Que a magoa nos suspendestes  
Quando a dor nos recordastes:  
Hũa maravilha obrastes  
Com a luz do entendimento,  
Pois em tanto sentimento  
Pudestes para mais gloria  
Trazer a perda à memoria,  
Et tirar o uso ao tormento.

*Suspendeo-se em cada qual  
Martyrio tão excesssivo,  
Porque entãõ o sensitivo  
Se deu todo ao racional:  
Nãõ teve forças o mal,  
Que ouvindo a vossa Oração,  
Se embargou toda a afflicção  
De tão justo sentimento;  
Porque a tras do entendimento  
Foy tambem o coração.*

(  )

DO M.R.P.M. DOM LEONARDO DE  
S. Joseph, Conigo Regular de S. Augustinho, &  
Prégador de Sua Magestade.

D E C I M A.

**E**sta Oração funereal,  
Que tanto a fama apregoa,  
He digna de ser coroa  
Sò do tumulo real:  
Se logra vida immortal

*A que reyna em paz sagrada,  
Nesta Oração celebrada  
Se vê melhor esculpida,  
Por ser retrato da vida  
Morte que foy tão chorada.*





*HEU , HEU , HEU DOMINE DEUS ,  
ergo ne decepisti populum istum, & Ierusalem, di-  
cens : Pax erit vobis: & ecce pervenit gladius us-  
que ad animam? Hierem. cap. 4.*

Muyto alta , & muyto poderosa Rainha , & senho-  
ra nossa , sempre nossa pelo affecto , já mais alta  
pelo throno , & nunca mais poderosa pelo  
celestial dominio .



**H**ORROROSAS batalhas do pensamento ,  
caliginosas representações do discurso , se sa-  
beis fomentar o estrago dos accidentes , para  
quando reservais o afogo dos desmayos ? Se  
na vacillante confusão das penas titubea o  
entendimento entre as ansias , como não rõe  
o fatal excesso das ansias nos tristes preci-  
picios , que lhe persuadem as penas ? Funebres afflicções , tene-  
brosas imagens , irremediaveis lembranças , saudosas potências ,  
obscuros perturbadores objectos , atrozes melancolicos mi-  
nistros , ou haveis de assistir para o incessavel tormento , ou  
transcende a vossa esfera o superior quebranto . Se em cara-  
cteres de lagrymas perpetuas gravãrao os Egypcios as sauda-  
des penosas , que na falta daquella irracional Deidade profa-  
nãrao o sentimento com a vil reverencia .

*Barbara Memphitem plangere docta bovem .*

*Tibull. 1.*

Como serãõ desta angustia os destroços , se se medem pela *celeg. 2.*  
grandesa

grandesa os defalentos? Como será dos prantos o combate, quando fabrica a mesma rafaõ o parocifimo? E como se podem as agonias remediar, quando não se alcançaõ as faltas a suspender? Aquelle affombro dos respeytos, aquelle estimulo dos agrados, aquelle Clície das virtudes, & aquelle firmamêto das perfeções, cançada dos breves espaços da vida humana, passou a esmaltar os thronos da gloria divina; a Serenissima Senhora Dona Maria Sofia Isabel de Neoburg, não só Rainha pela casualidade do conforcio, mas tambem Monarca das vôtades no dominio. Oh morte quanto arrastaõ os teus rigores! Quanto conseguem os teus atrevimentos! Pois não só desbaratas dos corpos o animado, mas ainda destroes das almas o sensitivo! Oh tormento venenoso da ausencia, que poderosa esgrimes a actividade, pois quando são as vozes remedio das lastimas, augmentas as lastimas com as mesmas vozes! Nestes funebres epithalamios, nestes tragicos lutos, nestes horrendos Mauseolos, & nestes palpitanes eccos, se defenterra da afflicção a memoria, que jaz do coraçáo na vivente sepultura; morta para os ameaços, viva para os golpes; defunta para as alegrias, inextinguivel para as tristezas, falecida para as consolações, & animada para as infelicidades. Mas se do Cysne a nevada constante valerosa harmonia manifesta em vozes a proxima funeral desgraça:

Martial  
Epig.<sup>1</sup>

*Dulcia defectâ modulatur carmina lingua  
Cantator Cygnus funeris ipse sui.*

Expliquemos em suspiros a nossa morte, repitamos em vozes a nossa magoa, & ao ardente fogo das melancolias faça atear o procelloso das queyxas: que aonde se admiraõ Etnas os sacrificios, haõ de ser lavaredas os acentos.

Mysteriosa rhetorica, & discursiva materia nos offerece para a explicação dos queyxumes aquelle sentido Profeta Jeremias. Vendo de Jerusalem a destruição infausta no vaticinio da Mente Divina, reparando dos Principes o fatal estrago, & notando do povo o lamentavel desvelo, formando da mesma dor penetrantes syllabas, mandava ao Ceõ brados nestas maviosas



*nas Exequias da Rainha N. S. Dona Maria Sofia. 9*  
 viôlas palavras: *Heu, heu, heu Domine Deus, ergo ne dece-*  
*pisti populum istum, & Jerusalem, dicens: Pax erit vobis:*  
*Ecce peruenit gladius usque ad animam?* Ay, ay, ay Se-  
 nhor Deos Omnipotente, por ventura enganastes a Jerusa-  
 lem, & a este povo, pois quando promettieis da paz os ma-  
 yores lauros, nos atravessa a espada da alma os espiritos? Estas  
 são as palavras que tomey por thema, & estas nas que se cifra  
 da nossa dor a magoa; pois no tempo da paz promettida nos  
 fere da afflicção a espada penosa. Vamós miudamente especu-  
 lando o que vagarosamente estamos sentindo. Que seja figu-  
 ra de Jerusalem expressa esta gloriosa maravilha desunta, he  
 tão evidente nos conceyτος, como infallivel nas exposições;  
 pois se Jerusalem se interpreta visão de paz: *Visio pacis*, por  
 quem logrou este Reyno a vista da paz dekjada, senão por es-  
 ta flor suprema, que suspendendo as ameaçadas guerras de  
 hũa atenuada geração, deu em multiplicada successão de frut-  
 tos a melhor paz? He Jerusalem herança, como diz Laureto:  
*Hierusalem secundum aliquos interpretatur hereditas* *Lauret.*  
*ipsis.* E foy a nossa Rainha excelsa, quem vinculou no Reyno *Sylv.*  
 a melhor, & mais certa herança. Significa Jerusalem a consci-  
 encia pura, & a alma santa, como affirma Bercorio: *Hieru-*  
*salem est anima sancta, & conscientia pura,* & nesta mysti- *leg.*  
 ca Jerusalem admiramos na vida a mais pura consciencia, & *Berch.*  
 cremos piamente na morte a santidade da alma. Representa *tom. 3. p.*  
 Jerusalem a Cidade da misericordia, como notcu meu Padre *2. verb.*  
 S. Augustinho: *Designat Hierusalem caelestem Civitatem* *Hierus.*  
*piorum.* E a misericordia deste assombro coroado publica to- *D. Aug.*  
 do o povo afflicto, & divulga dos pobres o pranto saudoso. E *sup. Ps.*  
 se Jerusalem, como notou Bercorio, he especiosa nos intrinse- *121.*  
 cos rayos, virtuosa nos exteriores lusimentos, & gloriosa nos  
 superiores celestes triunfos: *Hierusalem est speciosa latens* *Berch.*  
*interius, virtuosa manens inferius, gloriosa gaudens su-* *ubi sup.*  
*perius;* temos nestas tres mysteriosas excellencias da vida, &  
 da morte as rutilantes prerogativas; pois na vida resplande-  
 ceo nos intrinsecos esmaltes da alma, & xornados dos exterior-

rés complementos da virtude, & na morte gozou os elevados thronos da Gloria. Finalmente não se encontra circumstancia algũa em Jerusalem, que não seja hum vivo matiz de seus primores, como manifestarey repetidamente nos discursos.

Se attendermos ao povo, a quem chora enganado o Profeta, veremos retratada deste Reyno a essencia: *Populum istū*, *Theod. t. 1. in Jerem. c. 4.* *idest, populum Dei*, verteo Theodoretto. O povo de Deos, que propriamente he o de Portugal, como disse elle mesmo a seu primeyro Rey: *Imperium mihi stabilire*. Se olharmos a paz promettida: *Pax erit vobis*, he a prosperidade presente: *Idest, prosperitas erit*, leu Hugo Cardeal. Se especulamos o engano: *Decepisti*, he nas ruinas deste ameaço: *Quia pacem promisisti, cum hic mineris excidium*, disse S. Hieronymo. Se notamos, porque o appellida fallencia, veremos que he só por explicar a angustia: *Quod dicit Propheeta: non quòd putet Deum decipere aliquem, sed ad insinuandum animi sui dolorem*, advertio Dionysio Carthuliano, he pergunta sem affirmaçõ: *Non asserendo, sed interrogando*, notou Hareo. Se vemos o affiado cutello, que nos trespassa o espirito: *Peruenit gladius usque ad animam*, he a dor que penetra em ardores do coração os intimos affectos: *Usque ad animam, idest, usque ad intima, usque ad cor*, escreveo Alapide. E se olharmos desta ferida os objectos, os encontramos nas peffoas reaes, & no vulgo: *Usque ad intima cordium populi, & Principum*, disse Lyra; proprio retrato da nossa magoa, pois não só inclue do povo os precisos sentimentos, mas executa na Casa Real os inescusaveis golpes. O instrumento na espada cortadora: *Gladius*, he o tempo da paz presente: *Iste gladius est tempus pacis præsentis amarissimus*, moralizou o Cardeal Hugo; pois logrando a paz na successão appetecida, nos despedaça na saudade a amargura penosa, como prognosticou o Profeta Isaias: *In pace amaritudo mea amarissima*. E reparando ultimamente a materia triste dos suspiros: *Heu, heu, heu*, acharemos que nascem de ansias, & admirações: *Est una vox dolentis, & admirantis*,  
 explicou



*nas Exequia da Rainha N.S. Dona Maria Sofia.* 11  
explicou Alapide; pois admira a pena como profunda, & doe  
como estupenda, triplicando-se nas harmonicas agonias, por-  
que inculca tres destruições: *Ponitur ter propter triplicem* Lyr. *ibi-*  
*destructionem, scilicet Templi, Civitatis, & Populi*, especu-  
lou Lyra: o Templo, a Cidade, & o Povo; & assim se expe-  
rimenta a nossa desgraça, pois destruhio aquelle animado tẽ-  
plo de virtudes a morte, ferio a Cidade na Nobresa, & maltra-  
tou o povo na falta; porque nas tres procellosas ruinas se justi-  
ficasse a triplicação das queyxas.

Temos a combinação do thema com as circumstancias da  
lastima, ficando desta os amantes desperdiços gravados na in-  
visível delicadesa dos eccos. Mas se para ensinar o pranto nas  
lugubres afflicções, constituhio a Gentilidade chorosas mes-  
tras, sejião liquido Norte das nossas lagrymas do mesmo the-  
ma as affligidas respirações. Em tres suspiros fogosos copia o  
que em tão infelices despojos encerra; & para lamentar o per-  
dido ausente lusimento, illumina os queyxumes este myste-  
rioso numero. Tres circumstancias se reparão no bem, que sa-  
be contrariar a vehemencia do mal: he o conhecimento, he o  
amor, & he a posse; o conhecimento do que o objecto mere-  
ce, o amor com que se estima, & a posse com que se logra; o  
conhecimento attende á soberania, o amor repára a excellen-  
cia, & a posse se recrea na delicia: pois se, como ensinão os Fi-  
losofos, a falta de hũa sórma he côsequência da introducção de  
outra na materia, serà no bem perdido, & no mal logrado o co-  
nhecimento rayo, o amor verdugo, & a falta da posse tormẽ-  
to. Isto he o que sentidamente vemos, & magoadamente ex-  
perimentamos; o conhecimento pasmava na grandesa, o amor  
adorava a altura, & a posse gozava a benignidade. Chegou a  
morte, & desfazendo o vinculo da sórma, ficou o conheci-  
mento saudoso, ficou o amor desesperado, & ficou a posse des-  
vanecida; oh que terrível he a ferida desta cruel espada, pois  
maltratou no conhecimento o discurso, trespassou no amor a  
vontade, & extinguiu na posse os alentos de toda a alma! Isto  
he o que se nos chega a offerecer, & isto o que havemos de la-  
mentar,



mentar, que se estiver tartamuda a pronuncia, melhor explica o caso a turbada eloquência. Tres queyxas são as da magoa; & tres são as que profere o thema: Ay do conhecimêto: *Heu!* Ay do amor: *Heu!* Ay da posse: *Heu!* Suspira o conhecimento o que perde: chora o amor o que deyxá; & lamenta a posse o que se lhe usurpa; & se no coração se escutão os gritos, na alma de sfalecida respondem os eccos. Tres espadas nos tres brados, tres lanças nos tres suspiros, que reflectindo sobre a perda são desmayadas exalações da alma: cõsidera o conceyto a feu nascimento, lêbra o amor a sua vida, & manifesta a posse a sua morte, & nestas tres circunstantias fórma os intrinsecos ays. Ay da perda, ay da desgraça, & ay da ausencia! no nascimento vê o que logrou, na vida vê o que luso, na morte vê o que perdeu; & nestes tres pontos mostrarey da afflicção os fios, & publicarey deste pasmo os mysterios. O primeyro ay he do que se perdeu no nascimento; o segundo do que se perdeu na vida; o terceyro, do que se deve chorar na morte. Dê pois principio, o suspiro doloroso, começando pelo primeyro.

Escondida na sagrada officina da incomprehensibilidade; se venera dos successos a indifferente maquina, que no fiel reconhecimento da dependencia estuda a incognita essencia da variedade. Dos mais communs vulgares acasos se originão ás vezes os mais elevados mysterios, & das mais repetidas casualidades se fabricão as mais portentosas maravilhas, que aonde mandá o arcano occulto, não se distingue o espirito formado, & aonde a Omnipotencia imperceptivel impéra, a humana ousadia não especula. Acafo se armou David de rusticas munições, mas foy este acafo thesouro dos mayores mysterios. Acafo vio a Judith Holofernes, acafo repudiou Alsuero a Vasti; acafo encontrou Christo a Samaritana; acafo se enamorou Páris de Helena, acafo alimentou a Romulo hũa fera, acafo erigio Prometheo a estatua; mas todos forão annuncios, todos se venerarão portentos; para que em Judith lograsse Bethulia liberdades, em Esther alcançasse Judea glorias, em

Christo

Christo tivesse a Samaritana indulgencias, em Páris padecesse Troya destruições; em Romulo conseguisse Roma alturas, & em Prometheo inundassem ao Caucaço discordias. São pois ás vezes os acasos tão legitimos filhos dos mysterios, que no incomprehenfivel tronco da sua geração prodigiosa ostentão a herança pela primogenitura excelsa.

Esta irrefragavel conclusão do conceyto confirma a experiencia neste defunto affombro; pois olhando do seu nascimento os acasos, ao mesmo tempo que fórma a faulade os suspiros, se arrebatam a memoria & speculativa dos portentos, sem que se encontre nelle circumstancia, que não possa venerarse maravilha. Foy a primeyra, nascer a nossa serenissima Rainha no Palacio do Benradio, fóra da Cidade de Dusseldorpio, magnifica plausivel Corte do Palatinado. Acaço foy este das agrestes venturas, mas pareceo gloriosa providencia das celestes disposições, que nascesse fóra da Cidade quem havia de ser redemptora de hum Reyno. Promulgouse aquelle decreto de Augusto, para se alistarem todos seus vassallos, & obediēte o justo rendimento de S. Joseph, partio com Maria Santissima para dar ao preceyto satisfação inteysa. Chegou a Belēm a tempo, que comprindo se das sagradas hebdomadas o numero, illustrou as terrestres esferas com o parto; porē m reparo que foy entre as rusticas humildades de hum presepio, por lhe negarem os homens o clemente refugio. Mas se o embargo de Maria Santissima era legitima escusa desta jornada, porque se arrisca a tão penetrante injuria? Porque não espbra em Nazareth o parto, & vay ao depois obedecer ao preceyto? Porque? Porque tudo foy mysterioso arcano: quem havia de nascer era Christo, Christo era Redemptor de seu Reyno, pois nasça no campo Christo, nasça fóra da sua Corte este affombro, & atropelle Maria tamanho obstaculo, para que acaço nasça no campo Christo, pois he mysterioso prodigio, que nascesse fóra da Cidade quem havia de ser Redemptor de hū Reyno.

Fóra da sua Corte nasceo a nossa serenissima Rainha, que



se deste Reyno quasi extincto havia deremir o lusimento attenuado, parece que foy alento da divina idéa fazella mysteriosa nos primeyros passos da vida. No centro resplandecente do zenith possue a luminosa corte o Sol, mas despresando do zenith as ardentes pompas, só nasce do Oriente nas humildes alegrias. Do fogo na actividade vehemente constitue o ouro a corte acrisolada, mas desstituindo do incendio as fogosas claridades, nasce da terra nas rusticas habitações. Justo pois era; que a nossa Augustissima Rainha nascesse fóra de sua triunfante Corte, pois sendo sol nos rayos, ostentando-se ouro nos preços, com os rayos illuminou a esfera gloriosa, & com os preços resgatou esta Monarquia attenuada. E se attendo a hum curioso geroglyfico de hum discreto, admiro nisto de seu reynado o primeyro prognostico. Querendo retratar hum nascimento heroyco, pintou a mystica essencia de hum sceptro a quem adornava este titulo: *Olimarbo*. Antiguamente foy arvore o que hoje illustra a diadema; pois se a nossa serenissima Rainha se havia ditosa de coroar, mostre os diurnos influxos ao nascer, & seja este effeyto prodigioso aonde nasce o insensivel desperdiço dos troncos, para tributar origens à elevação inperial dos sceptros.

Outro acaso nos offerece o nascimento, admirando a sua progenie, pois nasceo filha do serenissimo Principe Dom Philippe Uvilhelmo Eleitoral Conde Palatino, & unico filho do serenissimo Principe Uvolfango Uvilhelmo; & criado no berço das perfeções, brilhou no mais luzente apparato das virtudes; herdando de seus inclytos pays o religioso zelo, cõ que illustrarão o Catholico esmalte, que bem se verificou nelle a divina promessa, que fez Deos por David à virtude: *Pro patribus tuis nati sunt tibi filii, constitues eos Principes super omnem terram*. A gloria de seus pays foy vaticinio da exaltação dos netos; vendo este excelso Principe a suas filhas no imperio universal das mais flâmantes Coroas, como o diz Alemanha em celebres triunfos, como o publica Hespanha em fulgidos lauros, como o confessa Polonia em bizarros

alentos,



nas Exequias da Rainha N. S. Dona Maria Sofia. 15  
zmentos, como o admira Parma em saudosos timbres, & como  
o chora Portugal em funebres epithalamios.

Unico nasceo (como digo) este generoso Principe, ventu-  
roso pay da nossa serenissima Rainha, & neste acafo da pro-  
vidente fortuna parece que se vaticinou a nossa felicidade.  
Lã dizia Salamão ao mundo, que lhe tributaria hum dom  
muyto precioso: *Donum bonum tribuam vobis*; & dando  
desta liberalidade a causa, diz que por ser unico filho: *Nam &*  
*ego filius fui patris mei unigenitus*. Pois por ser unico filho  
ha de contribuir ao mundo este lauro? Sim, que isso tem ás  
veses os acafos, que participão a realidade dos mysterios;  
pois no acafo de nascer Salamão unigenito fundamētou o bé  
que dava ao mundo ditoso. Assim dizia Salamão, & assim po-  
dia proferir o serenissimo Principe Philippe Uvilhelmo no sé-  
tido accommodaticio: Salamão deu ao orbe hum bem glo-  
rioso, este excelso Principe deu ao mundo muyto dom supre-  
mo; justamente podia falar com Lusitania na joya inestima-  
vel de tão suprema Rainha: *Donum bonum tribuam vobis*,  
concedervoshey hũa dadiua lusida, darvoshey hũa prenda ge-  
nerosa; que se Salamão por unico filho promette triunfos, &  
se os funda de hum acafo nos dominios, eu nestes mesmos  
acafo edifico o mayor tributo dos portentos: *Nam & ego fi-*  
*lius fui patris mei unigenitus*.

Decifremos já no ultimo acafo de seu nascimento pasmoso  
o enfatico prodigio do trofeo mais soberano; & foy este, que  
quando nasceo a nossa serenissima Rainha celebrava Portugal  
em jubilosos applausos os regosijados plausiveis conforcios do  
serenissimo Rey Dom Affonso VI. com a serenissima Rainha  
Dona Maria Isabel Francisca de Saboya, por cujo chorado la-  
mētavel occafo entrou a nossa serenissima Rainha neste Lusi-  
tano emisferio. Raro acafo do successo, mas notavel elevação  
do arcano! Pois para estabelecer a Coroa Portuguesa, parece  
que se erigio esta mysteriosa maravilha: eu me declaro. Nas-  
ceo Christo para Redemptor universal do mundo, & influi-  
dos os Magos de reveladas claridades, lhe vierão a dedicar ob-  
sequiosas

Prov. 4.  
v. 2. & 3.

Matth.  
cap. 2.

sequiosas adorações: porém reparo no mesmo capitulo, em que refere a Escrittura este successo, os diversos titulos, com que a Magestade o appellida, & com que o Evangelista S. Matheus o exalta; o Evangelista chama a Christo Jesus: *Cū natus esset Jesus*. Os Magos o divulgão Rey: *Ubi est qui natus est Rex?* Pois que he isto? No mesmo capitulo tal differença de vozes, & tão diverso timbre de epitetos? Quando nasceo Christo não era Rey? Não se desposou com a terra pela união hipostatica, para conceder os fructos da Redempção promettida, como notou com muytos o doutissimo Alapide: *Christus in Incarnatione celebravit sponsalia?* Pois se o titulo da redempção foy o de Rey, que lhe puserão na Cruz J. N. R. J. porque no Nascimento se chama só Jesus, & porque na adoração se publica Rey? O Evangelista lhe dá o nome commum, & os Reys lhe tributão o excelso? Sim, que os Reys virão a grandesa de Christo no oriente de hũa nova Estrella: *Vidimus stellam ejus in Oriente*; & como no Nascimento deste Astro se exaltava a gloria de Christo, por isto lhe dão o título de Rey, que foy o ultimo brazão de Redemptor, porque no nascimento de hũa estrella quiz Christo symbolizar a sublimidade: *Ubi est qui natus est Rex? Vidimus stellam ejus*.

Alap. in  
Luc. c.  
12.

Assim parece que aconteceu á Coroa de Portugal, pois se lograva hum vittorioso Rey, não era só pelo desposorio presente, senão porque nascia hũa estrella nova, em cujo esplendor se aiançava a esta Coroa o esmalte de seu Rey na feliz de-sejada successão. Que Christo não se intitula Rey quando cõ a terra se casa, senão quando a estrella apparece; pois se o titulo de Rey era o esmalte de Redemptor, não o permite no Nascimento proprio, senão no da Estrella resplandecente: *Vidimus stellam ejus in Oriente*. Agora entendo o que disse

D. Leo, S. Leão Papa falando na ventura de Abrahão: *Patriarchæ ferm. 3. Abrahæ innumerabilis fuerat successio; ad credendum crede Epip. go promissam posteritatem ortu novi sideris excitatur*, que se lhe prometterão a Abrahão innumeraveis successões, mas para



nas Exequias da Rainha N.S. Dona Maria Sofia. 17  
para o credito destas felicidades o animo de hũa nova estrella  
o nascimento. Da mesma sorte a Portugal fez Christo se-  
cundas promessas: *In te, & in semine tuo: respiciet, & vide-  
bit;* mas tambem de hũa estrella o Oriente foy da mysteriosa  
palavra o credito; bastavalhe a Abrahão para a successão pro-  
mettida casar com Sara, mas quiz Deos annunciasse o nasci-  
mento de hũa estrella, porque repetidos em Portugal os pro-  
fundos gyros do mysterio, se venerassem as intrinsecas luzes  
do acafo.

A mesma Sabedoria Divina parece que vaticinou esta dita  
expressa: *Oportet prævenire Solem ad benedictionem tuam,* *Sapient.*  
& *ad ortum lucis te adorare;* mystico, & literal affombro se *cap. 16.*  
encerra neste intricado Texto. Que convinha (diz) prevenir *D. 28.*  
para a benção o Sol por adorar a Deos no oriente da luz. Af-  
fim foy este acafo com tanta illuminação de prodigio; pois  
no mesmo tempo, em que recebia o senhor Dom Affonso VI.  
como Sol as benções da Igreja, radiava o nascimento da luz  
na nossa serenissima Rainha; para que adorando de Deos a pa-  
lavra promettida, lograsse este Reyno a successão suspirada:  
*Oportet prævenire Solem ad benedictionem tuam, & ad or-  
tum lucis te adorare.*

Justamente pois illustra a nossa serenissima Rainha com o  
titulo de Jerusalem o meu thema, pois já neste sagrado epite-  
to se incluhio pelo Profeta Isaias este lauro. Fala com Jerusa-  
lem, & diz que a sua luz serà guia do Mundo, & o esplendor  
de seu nascimento gloria dos Reys da terra: *Et ambula-* *Isai. 60.*  
*bunt gentes in lumine tuo, & Reges in splendore ortus tui;*  
& assim se comprova neste acafo, pois no luzente resplendor  
de seu nascimento se figurou a excellencia do Lusitano Real  
throno, & os Reys que naquelle consorcio se podião promet-  
ter, erão os que no seu nascimento alcançava a prognosticar:  
*Et Reges terræ in splendore ortus tui.* Oh prodigio affom-  
broso do entendimento! Mas rigoroso objecto do pranto!  
Que quanto mais se especulão as soberanas excellencias, mais  
se augmenta a inextinguivel corrente das lagrymas! Como he  
C possível



possível que sofra o alento , como he factível que se tolere o destroço, se no nascimento descobre tantas prendas generosas, que fluctuando o coração em ansias ausentes, nem alcança a saudade remedio, nem consegue a memoria lenitivo, pois fomentando a lembrança o naufragio, cada prerogativa he hum rochedo, cada prenda he hum penhasco, cada reparo he hum perigo, cada discurso hum despenho, & no penetrante Scylla das magoas, no cruel Carybdis das penas só póde ser Iris das tempestades procellosas a cõtina exhalção das queyxas doloridas: *Heu, heu, heu.*

O segundo suspiro desmayado he do que se perdeu na vida gloriosa, & aqui como mais intrinsecas as afflicções, atormentão mais terribéis as agonias; porque crescendo a cada passo o fatal horroroso parocismo, vã fomentando a barbara ufura dos alentos no infeliz caliginoso emprestimo dos estragos. Doze são as agudas pontas, que trespassão na consideração as almas, nos doze annos venturosos, que illustrou a nossa Serenissima Rainha os dominios Lusitanos, que se bem era mais prolongada a sua idade, & mais excelsamente dilatada a sua vida, só nos permittio doze felices annos a sorte; & só destes nos elevados progressos lamentaremos os desvanecidos ausentes triunfos; & justamente ainda prescindindo desta idéa experimental, o confirma do côceyto a especulação mysteriosa; pois se só doze annos reynou, so forão estes os que viveo; porque a vida dos Reys não se conta pelo natural estado, pois só se numéra pelo imperial governo, & não dão principio aos alentos da vida até que possuem a Coroa.

Com as suaves preferencias de Pay exalta aquelle Incredulo, & Eterno, a seu Unigenito Filho Christo, falando pelo

*Psal. 2.*  
*v. 7.*

Real Profeta: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*; mas notem o *hodie*: Vòs sois meu amado Filho, a quem gerey hoje: quando he este hoje? No seu Nascimento, affirma meu grãde

*D. Aug.*

Augustinho: *Ille dies, quo Jesus Christus secundum hominem natus est*; mas notaveis reparos! Se o Padre Eterno está

*in Psal. 2.*

todos os instantes gerando a Christo, como diz expressamête  
que

*nas Exequias da Rainha N.S. Dona Maria Sofia.* 19  
que no dia de seu Nascimento? Mais: passemos esta difficul-  
dade, pois dirão que fala na temporal geração; mas temos  
outra mayor duvida. Se no dia da Encarnação foy a temporal  
geração de Christo, como diz que no dia do Nascimento? O  
homem não se gera quando nasce, pois como Christo neste  
dia se gera? Como? O Psalmo desfata a duvida: *Ego autem  
constitutus sum Rex ab eo*: neste dia foy Christo constituido  
novamente Rey: ah sim? Pois conte-se desde este dia a gera-  
ção, que ainda que fosse antecedente, ainda que se admirasse  
mais prolongada, neste dia recebe a Coroa, neste dia dà prin-  
cipio à Magestade, & a vida dos Reys não se conta pelo natu-  
ral estado, pois só se numera pelo imperial governo, & não dão  
principio aos alentos da vida até que possuem a Coroa: *Ego  
hodie genui te*. Doze annos pois forão os que viveo a nossa fe-  
reníssima Rainha, pois doze annos possuhio o esmaltado tim-  
bre da Coroa, & estes são o objecto das minhas vozes, porque  
são a tyranna meta das nossas lagrymas.

Se se houvessem de contar as virtudes, que executou nestes  
doze annos, ou se precipitara o entendimento perigoso, ou fi-  
nalizara o espirito considerativo. Notemos pois só o que pó-  
de caber na limitada brevidade deste funebre narratorio, &  
acharemos assombros nas excellencias, & pasmos nas circum-  
stancias. A primeyra foy a Oração frequente, em cujo arrebatado  
exercicio devoto, eximindo-se das aulicas attractivas re-  
verencias, gastava no dia repetidas horas. Que evidente final  
abrazado do bem que concedeo a este Reyno ditoso! Pois  
não só o manifestou nas secundas soberanias, mas tambem nas  
devotas orações, porque a oração de hũa Rainha póde mais,  
que de precações de todo hum Reyno. Em incessaveis prátos,  
em continuos gemidos pedia a Deos Mardoqueo suspendesse  
a vexação de seu povo, sacrificando juntamente com elle vi-  
ctimas, & exercitando todos fervorosas penitencias; mas não  
deferio a esta supplica a divina misericordia, ou memorialmẽ-  
te indignada, ou inacessivelmente secreta. Converte a Rainha  
Elther as regias delicias em abrazados holocaustos de orações:



Esther  
cap. 16.

*Deprecabatur Dominum Deum Israel*, & logo compadecido o celestial dominio, mudão-se em trãquillidades as furias, em glorias as perseguições, em trofeos as humildades, & em applausos as ignominias; falando a Esther Assuero, & conseguindo a liberdade o povo: *Hanc enim diem Deus omnipotens mæroris, & luctûs eis vertit in gaudiû.* Pois se Mardoque o pede, se todo o povo roga, só Esther alcança? Sim, que Esther he Rainha com orações, Esther he Rainha com affectuosas victimas, & he de tal sorte a oração de hũa Rainha, q̃ pôde mais que as deprecações de todo hum Reyno: *Deprecabatur Dominum Deum Israel.*

Matth.  
c. 6. 7. 4.

Niceph.  
Callig. l.  
8. c. 31.  
Eccles.  
hif.  
Id. l. 12.  
cap. 42.

Com successivas orações pedia este Reyno a Deos os fundamentaes alicerces da successão; mas quiz o seu clemente arcano, que fosse a nossa serenissima Rainha o instrumento, não só nas materiaes pompas, mas tambem nas mysticas prerogativas. Porém que muyto se na segunda circumstancia deste discurso attendermos da caridade ao abrazado excessõ, que em tantas, & tão justificadas esmolâs ainda mereceo mais, que nas compayxões, nas cautelas; liberal com grandes, prodiga sem calumnia, generosa sem esperança, grandiosa sem soberba, magestosa sem jaetancia, & sempre clemente sem publicidade; ajustando se ao preceyto de Christo, buscava oportunidades para o segredo: *Sit elemosyna tua in abscondito*; pois informando-se com casuaes disfarces das pessoas necessitadas, as mandava soccorrer com abundancias occultas. Pasmem as historias da Emperatriz Santa Helena, porque executou tantos actos de caridade, como o servir aos pobres, o assistir aos necessitados, & cõsolar aos affligidos, porque nesta Augusta misericordiosa Rainha se vengere tão primorosa circumstancia. Não se celebrem já os publicos dispendios de Placilla, pois os fez reprehendidos a manifestação: que da nossa serenissima Rainha as clementes dadivas palpitão no escondido resplandor das magnificencias.

Mas para que se cança o discurso em buscar comparações, se só em hũa circumstancia té as mais estranhas singularidades?

Não

Não só deu Sua Magestade esmolas, não só lavou os pés dos pobres, mas ( oh prodigiosa soberania da mais esquecida belleza!) não lembrando-lhe as supremas altivezas da Magestade, curava com as proprias mãos as immundicias enfermas dos pobres. No mesmo tempo, em que a estranheza de tão encendido sacrificio movia as circunstancias ao mais repugnante tedio. Mas que muyto, se he de tal categoria esta virtude, q̄ passa os limites da comprehensão, & fluctua entre os obstaculos do credito, porq̄ abaterse a Magestade a tocar a immundicia, chegar a Alteza aonde jaz a asquerosidade, he prodigio com taes circunstancias, que parece impossivel entre as maravilhas.

Chegou a Bethania Christo para resuscitar a Lazaro, & duvidando Martha esta gozoza ventura, mostrou a Christo as difficuldades nesta palavra: *Domine, jam factet, quatri-* Joan c.  
*duanus est enim,* Senhor, (dizia Martha) não vos canceis, q̄ já 11.  
està Lazaro corrupto, & asqueroso, porque tem quatro dias de defunto. Mas como? Duvê da acaso Martha o poder de Christo? Não pôde ser: pois acaba de confessar no mesmo instante que Christo não estivesse ausente, não seria Lazaro falecido: *Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus.* Pois q̄ se he isto? No mesmo tempo em que publica o poder, duvida do milagre? (Assim parece pela reprehensão que lhe deu Christo: *Non ne dixi tibi, quoniam si credideris, videbis gloriam Dei?*) Se encôtra capacidade em Christo para o sarar da enfermidade, não a acha para o resuscitar da morte? Lazaro vivo pôde ser objecto do pasmo, & morto impugna o prodigio? Sim, que estava asqueroso: *Jam factet,* & fazer Christo hum milagre he possivel; mas chegar à asquerosidade parecia a Martha difficultoso. Chama o Senhor: *Domine,* diz que já está immundo: *factet,* pois parecelhe impossivel o milagre, q̄ aquelle *Domine,* & aquelle *factet,* tem repugnancia. Curar Christo a Lazaro vivo he facil, chegar Christo a Lazaro asqueroso parece impossivel; porque abaterse a Magestade a tocar a immundicia he prodigio com taes circunstancias, que parece impossivel entre as maravilhas: *Dñe já factet, quatri-*  
*duanus est.*



Oh soberano abatimento! Oh generoso desprezível triumpho! Que não lhe parecendo bastantes as igualdades resplendentes, se empenhou nas igualdades mais excellas! Que justificando geroglyfico retratou nas ferventes ansias do Pelicano querendo delinear a caridade hum douto moderno: *Nec sibi parcit*; não dispensa comsigo mesmo as atrocidades para não exercitar as vehemencias. Assim a nossa Augustissima Rainha não perdoou a si mesma a soberania, para não executar a mais activa caridade; poz o triunfante solio, abateo o relevante respeyto para executar, vencendo da natureza os sóros, os mais elevados luidos affectos.

Mas já brada pelos elogios para accrescentar os queyxumes a ultima, & mayor circumstancia da fecundidade, vivente animado padrão da sua excellencia, & frequente multiplicada lição da nossa magoa. Em sette brilhantes estrellas illuminou deste Reyno os tenebrosos horrores, com sette felicissimos partos, offercendo a Deos o primogenito, ou para mayor victima dos assultados temores, ou para sublimidade maravilhosa dos numeros. Forão sette, & já são seis; mas porque haõ de ficar só seis, se podião viver todos sette? Porque? Porque manifestando a sua grandesa, fossẽm luminosos emblemas da sua fecundidade: *Senarius numerus Veneri dicatus, & prolificationi, multiplicationi, fecunditati, creationi*, advertio Mazzertino; que se o numero sexto foy empresa de fecundas multiplicações, neste numero havia de constituir as inclytas testemunhas. E acertadamẽte se são os Principes estrellas, se fundamentarão os nossos no sexto numero, pois se as estrellas de mayor grandesa são só seis, como notou o doutissimo Alapide com o commum dos Astrologos, não ficava digno lugar ao settimo, para lusir no firmamento terrestre; pois occupem os seis o numero de mayor grandesa, & ascenda o settimo a brilhar nos thronos da Gloria, porque se não possui digno lugar para a reverencia humana, só se ha de collocar na habitação divina. Era a nossa serenissima Rainha florida castissima açucena, q̃ exhalava os allegoricos attributos da virtude, & se a pom-

Mazze-  
rin. l. II.  
q. 44. ed  
D. 8.

Alap. in  
Gen. c. I.  
v. 16.

*nas Exequias da Rainha N.S. Dona Maria Sofia.* 23  
a pomposa magestade da açucena compõem de seis folhas a  
cheyrosa fecundidade; mysterio foy, que açucena tão mara-  
vilhosa publicasse em seis fruttos a fecundidade soberana.

Sem duvida se admirou nesta fecundidade o flâmigero ex-  
cesso da misericordia, pois lembrando Bercorio desta o re-  
munerado desvelo, refere, que entre os Medos nasce hũa arvo-  
re de qualidade tão prodigiosa, que tirando della hum frutto,  
renasce no mesmo instante cutro frutto: *Quæ arbor tanta*  
*fecunditatis existit, quòd pomo uno collecto, statim aliud*  
*nascitur, & consurgit.* Symbolada caridade se venera esta  
planta, & acertado emblema da nossa serenissima Rainha, pois  
não só se verificou nas esmolas, mas tambem se confirmou nos  
regios fruttos; dava a luz hum glorioso Principe, & logo no  
mesmo iastante renascia outro assombro, sendo em successiva  
dilatada fecundidade mysterioso prodigio da soberania.

Não explico aquelle ardentissimo zelo, & fervoroso cuy-  
dado, com que assistindo á educação dos serenissimos filhos,  
apurou a esfera dos Catholicos desvelos; porque já com mais  
douta penná debuxarão mais vagarosamente esta circunstan-  
cia em dilatadas digressões tantos subtilissimos, & sabios dis-  
cursos; só digo que neste ardente estudo lhe deve os mayores  
holocaustos o Reyno, pois se as tyrannias de Nero procede-  
rão dos descuydos de Seneca, & as meninices de Alexandre  
provierão das malicias de Leonidas, quanto deve este Reyno  
á nossa serenissima Rainha, pois para tirar as naturaes inclina-  
ções, poz na educação as mais vigilantes ansias. Não como  
Domiciano, & Chrysippo rigorosa, não como Timotheo, &  
Themistocles descuydada, mas sim como Fenices, & Eurydi-  
ce vigilante. Oh ditoso Reyno! Oh felicissimo auspicio, que  
se o Macedonio Filippo rendeu mais graças aos fabulosos  
deoses, por ter nascido no tempo de Aristoteles Alexãdre,  
que pela mesma fortuna de ter herdeyro no Imperio; quanto  
deve esta Monarquia estimar ver lusir seus inclytos Principes  
no tempo, em que para a educação mais ajustada brilhou da  
nossa Serenissima Rainha a piedade religiosa!

*Berch.*  
*lib. 14. c.*  
*37. de*  
*Media.*

*Aul. Gel.*  
*Noç.*  
*Attic.*



Mas para que me canço em retratar as glorias, se nos doze annos que reynou, venero as mayores circumstancias. Aquella arvore do Paraíso ostentou em doze fruttos as suas virtudes: *Afferens fructus duodecim*, & a nossa serenissima Rainha recopilou nos doze annos as mesmas excellências; vejão a propriedade dos fruttos, notando de Alapide as exposições; o primeyro frutto he a pureza da mente: *Puritas mentium*, & nella resplandeceo a mente mais pura, manifestada na contê-plação divina. O segundo he o desprezo do mundo; *Abjectio temporalium*, & na benignidade virtuosa desprezou a pōpa mundana. O terceyro he a concordia das vontades: *Concordia voluntatum*, & no vinculo mais aprasivel unio das vōtades o dominio mais generoso. O quarto he a fermosura das obras: *Pulchritudo operum*, & digão-no as esmolas, confessem-no as admirações. O quinto he o recolhimento interior: *Collectio internarum virium*, & falem as orações, narrem as penitencias. O sexto he a pureza dos pensamentos: *Munditia cogitationum*, & publiquem-no as virtudes, celebrem-no as soberanias. O settimo he a circumspecção das palavras: *Circumspectio verborum*, & digão-no as magestosas gravidades, & as acertadas resoluções. O oytavo he a quietação dos appetites: *Quies appetituum*, & admire-se nos desprezos, veja-se nos cultos. O nono he a transformação em Deos: *Transformatio in Deum*, & diga-o o arrebatado espirito, & o quotidiano recolhimento. O decimo he a impaciencia dos desejos celestes: *Impatientia desideriorum caelestium*, & diga-o a morte na mocidade. O undecimo he o sofrimento das adversidades: *Sustinentia adversitatis*, & diga-o a prodigiosa tolerancia nas doenças. O duodecimo, & ultimo he o solícito affecto das virtudes: *Sollicitudo virtutum*, & mostre o nas diligentes educações; porque sendo pasmo dos mysterios, fabrique em doze gloriosos annos a abundancia copiosa dos celestiaes fruttos.

E no mystico epiteto de Jerusalem, com que a chora o nosso thema, achamos da vida toda a propriedade; pois se

Jeru.

Jerusalem, como affirma Berchorio, foy do Rey o throno virtuoso, da piedade o templo clemente, & do povo a santidade abrazada: *Hiernusalem fuit sedes æquitatis, quam David Berchor. tenuit, Templum pietatis, quo cultus viguit, populus verb. sanctitatis, qui Deum coluit; a nossa serenissima Rainha se- Hieruf. gurou de Sua Magestade o throno, augmentou da piedade o culto, & amplificou do povo a reverencia com o exemplo. Devidamente se podia repetir ao nosso serenissimo Rey o que disse Plinio no panegyrico de Trajano: Tibi uxor in decus, & Plin. in ingloriam cedit; quid enim illâ sanctius? Quid antiquius? calce Pa Falava no desposorio de Augusta, o que se refere mais justa- neg. ad mente á nossa serenissima Rainha. Foy gloria, foy esplendor, Trajan. & foy decoro do Lusitano esclarecido Imperio. Quem mais virtuosa? Quem antigamente mais ajustada? Mas ay que estas memorias só servem de despertar as tristes angustias, que opprimidas na animada prisaõ do peyto buscão ás respirações consolador espaço, sem que se mitigue a pena, sem que se modêre a ansia, por mais que despedaçando a diafanidade dos ventos, exhale o coração incessaveis dolorosos gemidos: Heu, heu, heu, &c.*

A terceyra, & ultima que yxa he, do que se deve chorar na morte, em cujo arruinador fatal espaço se apura tanto a bisarria do sentimento, que chegando até os ultimos afogos, só dilata a vida para affligidos holocaustos, que na triste pyra da dor mais vehemente consomem as cinzas do sofrimento mais generoso. As memorias afogão, as circumstancias ferem, as faltas combatem, & as infelicidades persistem; mas se ao repetido golpe do martello se fabrica da estatua o memorial adorno, para que no coração se erija da afflicção hũa estatua duravel, fira da pena o martello rigoroso, & collocada nas mais intrinsecas aras do sentimento, eternize em sensitivos padrões o venenoso quebranto. O primeyro passo para a adiantada morte foy a cruel vehemencia da enfermidade, que desconcertando da vivente quietação os alentos, fomentou dura batalha entre os naturaes espiritos. Oh fragilidade humana! Oh pom-



pa caduca, que nada respeitas, nada attendes, tudo prostras, & tudo desbaratas, murchando as flores, ultrajando as bellas, vencendo as soberanias, & mudando as Magestades! Mas oh ditoso dominio, se com felices preparações executas as horrorosas temidas crueldades! Pasma neste prodigio supremo, o que soube alcançar em teu golpe infaulto, pois apenas os primeyros effeytos da doença ameaçarão a nossa Augustissima Rainha, quando sem esperar os sinaes espaços, pediu devota os Sacramentos; recebeu o Santissimo por Viatico tão anticipadamente, que no repentino abalo do susto tremeu em inquietas magoas o povo. Mas para que, se a enfermidade apenas chegava ao quinto dia, & senão era ainda tão manifesto o perigo, para que fomentou tão procelloso abalo? Mas oh notavel virtude, que lembrada do melhor preceyto, justificou os effeytos daquella hora, para mostrar os sinaes da Bemaventurança! Bemaventurados (dizia Christo) serão aquelles, a quem achava vigilantes: *Beati servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Mas quaes são os deste desvelo? Diga o o mesmo Christo: *Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.* Aquelles a quem chamando na ultima hora (no commum sentir dos sagrados Expositores) lhe abrirem logo a porta: pois logo sem demora algũa: *Confestim?* Sim: que para lograr a Bemaventurança se ha de anticipar a prevençãõ: assim a obrou a nossa serenissima Rainha; podia esperar mayor perigo, mas quiz logo receber o Viatico, porque conheceo que Deos chamava á porta, & quiz logo logo abri-la: *Confestim*, porque para indicar a sua bemaventurança, lhe convinha ao primeyro golpe abrir a porta: *Confestim aperiant ei.*

Enão foy esta só a causa, senão que quiz com o sagrado escudo da Eucaristia lograr da morte a mais triunfante vittoria, porque neste soberano Sacramento se alcança da morte o mayor triunfo: *Mors mortua tunc est in ligno, quando mortua vita fuit*, diz a Igreja falando de Christo: que quando faleceo Christo morreo a morte. Mas como? Christo espirou, logo

logo parece que a morte venceo; pois como deo Christo mor-  
te á mesma morte? Como? Chamando por ella, diz meu  
grande Augustinho, quando inclinou a cabeça sobre o peyto:  
*Inclinato capite vocavit mortem.* Mayor duvida. O incli-  
nar a cabeça Christo foy espirar, pois como nisto se vio a mor-  
te falecer? Sabem porque? Porque Christo inclinou a cabeça  
sobre o Lado, & do Lado sahirão os Sacramentos: *De latere  
Christi exierunt Sacramenta:* ah sim! Pois diga a Igreja,  
que espirou a morte, que se Christo lhe mostrou o lugar do  
Sacramento, conseguiu da mesma morte o mayor triumpho;  
porque com o sagrado escudo da Eucaristia se logra da morte  
a mais triunfante victoria: *Mors mortua tunc est in ligno,  
quando mortua vita fuit.* Imitou a seu Creador Divino a nos-  
sa serenissima Rainha, pois para triunfar da mesma morte pu-  
blicou o abrazado affecto da Eucaristia, como se differa: Tu  
morte ameaças rigorosa, tu ostentas a jaſtancia temida, pois  
antes que configas os sinaes do teu trofeo, hey de desvanecer  
teu fatal estrago, que se Christo no Sacramento deo morte á  
tua inclemencia, eu com tão superior abono vencerey a tua  
impiedade.

Com esta prevençãõ gloriosa chegou aquelle tremêdo ca-  
liginoso dia para nós da mayor infelicidade, & para a nossa  
serenissima Rainha da mayor ventura; pois nem lhe custou  
os precisos sustos, porque já em antecedentes receosos vaticinios  
foy Sua Magestade prognostico destes presagios, trazendo  
tão viva a lembrança da morte, que vivia nesta commua  
esperança, ou para não peccar, ou para não temer; mas que  
muyto, se estava violenta no mundo, & appetecia naturalmê-  
te o centro? que se apagarão da luz os resplandores luminosos,  
se faltassem do fogo os incendios æctivos. Espirou (oh terri-  
bel memoria!) dando ao mesmo tempo desenganos, lastimas,  
& prodigios; desenganos às mocidades, lastimas aos cora-  
ções, & prodigios aos respeytos: Dia com circumstancias da-  
quelle final do juizo, se admirou deste dia o furibundo aspe-  
cto, pois só naquelle haverã sinaes no Sol, na Lua, & nas Es-



trellas: *Erunt signa in Sole, Luna, & stellis*; aqui se virão finaes no sol del Rey nosso senhor, na Lua da nossa serenissima Rainha, & nas Estrellas dos serenissimos Principes, admirando-se o Sol triste, a Lua eclipsada, & as Estrellas desfalecidas; ao Sol desmayarão funebres lethargos, à Lua escurecerão pallidos horrores, & às Estrellas cobrirão tenebrosos desvelos. Oh cruel dia, que anticipando as sombras da noyte, gravaste no coração as tecidas obscuridades, para perpetuar as inescusaveis gementes magoas!

Mas passemos já por não dilatar tão vagarosamente a pena á ultima circumstancia da sepultura, em que veremos, senão consolações ao pranto, materia ao menos para o mayor asombro; pois attendendo aos acasos do dia, pasmarão os portentos da grandesa: foy o mesmo, em que nasceo ao mundo gloriosa, passou ao sepulcro defunta. Bem explicava Job a brevidade da vida, quando disse que se passava do ventre para a sepultura: *De utero translatus ad tumulum*. Que a nossa serenissima Rainha manifestou esta brevidade, não só nos poucos annos, mas nos casuaes prodigios, pois sahio do ventre materno, & no mesmo dia foy tresladada para o tumulo triste. Mas que final da sua excellencia, já reparada na Divina Sabedoria: *Mulier fortis oblectat virum suum, & annos vite illius in pace implebit*; que a molher forte alegre a seu esposo elevada, & enche na paz os annos da sua vida: & que como a nossa serenissima Rainha letificou de seu real esposo a Magestade com tantas glorias, tantos fruttos, tantas virtudes, & tão generosas perfeições? Para que satisfazendo na vida esta prenda, alcançasse na morte a circumstancia: *Et annos vite illius in pace implebit*. Comprindo os annos na paz, pois os comprio na gloria; que particularmente parece que se disse este Texto à nossa serenissima Rainha; pois se esta molher forte he aquella que tras de longe a origem, como diz a mesma Divina Sabedoria: *Mulierem fortem quis inveniet? Procul, & de ultimis finibus pretium ejus*; ât bem a nossa serenissima Rainha conduzio dos longes a sua magni-

ciencia,

Prov.  
26.

Prov.  
31.

*nas Exequias da Rainha N. S. Dona Maria Sofia.* 29  
cencia, para acreditar-se coroada como a mulher forte, & com  
as mesmas circumstancias, que omitto, por evitar prolixida-  
de, & as póde ver o curioso no allegado capitulo.

Discretamente encontrou Santo Ilidoro duas mysticas  
portas no Ceo, hũa no Oriente, & outra no Occaso: *Janua* *D. Isid.*  
*Cæli due sunt, Oriens, & Occasus; nam una parte Sol* *Et imo-*  
*procedit, alia se recipit:* por hũa parte sahe o Sol, & por *log. lib. 3.*  
outra se esconde, situando-se na mesma esfera a diversidade *cap. 39.*  
destas portas. No ceo animado de Sua Magestade resplande-  
ceo esta duplicada porta, pois no mesmo dia em que sahio  
ao mundo, se recolheo para o Ceo, & a mesma mysteriosa  
porta que servio para o nascimento, duplicou os effeytos,  
servindo para o sepulcro. E não sey se reparou já a curiosida-  
de quanto imitou a seu Divino Creador na morte: pois se  
Christo espirou na antevespera da Pascoa, a nossa serenissi-  
ma Rainha faleceo na antevespera da festa, que a Pascoa dos  
Reys são os annos, como objecto de communs plausiveis  
regosijos.

E se no dia da Transfiguração, que foy o da sua sepultu-  
ra, se transfigurou Christo da terra na gloria, tambem a nossa  
serenissima Rainha se transfigurou do mundo para o Ceo.  
Motivo parece que tinha para a accommodaticia exposição  
daquelle Texto, que repetio o Profeta Isaias de Christo: *Et* *Isai. c. 11*  
*erit sepulchrum ejus gloriosum.* Que seria glorioso o seu  
sepulcro; & glorioso tãbem o da nossa serenissima Rainha, pois  
foy no dia da festa, & foy no dia dos disfarces da Gloria; &  
ainda reparando o lugar do tumulo, inculca ás admirações  
mayor pasmo. Tresladouse em S. Vicente o corpo do serenif-  
simo Principe seu primeyro filho para o outro lado, & aon-  
de elle estava se collocou da nossa serenissima Rainha o cor-  
po. Pois tem isto mysterio? Sim: que parece foy annunciada  
esta sepultura pelo Real Profeta: *In Sole posuit tabernacu-* *Psal. 18.*  
*lum suum,* que poz no Sol o seu tabernaculo; & quem? A  
alma justa, como entende Hugo, ou a caridade, como disse  
Lorino; mas em que Sol? Responde o mesmo Texto:



Hug. bíc.  
Lorin.  
bíc.

*Et ipse tanquam sponsus procedens ad thalamo suo*, na-  
quelle Sol, que procedeo de seu thalamo: pois que mayor  
analogia se pôde encontrar da presente sepultura? Poz a nos-  
sa serenissima Rainha o seu tumulo no Sol: *In Sole posuit  
tabernaculum suum*, & em que Sol? No que procedeo de  
seu thalamo: *Et ipse tanquam sponsus procedens de tha-  
lamo suo*. Pois se foy aonde estava; o serenissimo Principe,  
foy no Sol que procedeo de seu thalamo; para que no myl-  
terioso arcano da idéa Divina parecesse esta circumstancia pro-  
fetizada: *In Sole posuit tabernaculum suum*.

Isai. cap.  
60.

Tambem o nosso Thema publica os affombros da sua glo-  
ria, quando repete os ays da nossa magoa; pois no titulo de  
Jerusalem o descobre o Profeta Isaias: *Surge illuminare Hie-  
rusalem: quia ecce tenebrae operient terram, & caligo po-  
pulos: super te autem orietur Dominus, & gloria ejus in  
te videbitur*. Aníma a Jerusalem para os triunfos, & diz  
que no mesmo tempo cobrirão vaporosas nuvens o mundo,  
& caliginosas sombras o povo; mas que nella com mayor  
excellencia se admirará de Deos a gloria. Oh quanto experi-  
mentamos este timbre nas mesclas do presente fracaso! Pois  
vemos que no mesmo tempo que se enlutarão os corações de  
penas, subio a possuir as eternas delicias; & no mesmo em  
que Deos manifestou no Thabor celestial alteta, se admi-  
rou em nossa serenissima Rainha a gloria: *Et gloria Domi-  
ni in te videbitur*. Oh quanto alcança este successo as pro-  
priedades do rayo, pois só no fim se lhe conhece o estrondo;  
rompe a velocidade do rayo fogosa o funesto thalamo da nu-  
vem obscura, & quando vay saltando nos abrazados ardores,  
executa no trovão os temerosos brados, & só estrondoso soa,  
quando desvanecido falta: rayo sublime, & rayo portentoso  
se venera a nossa serenissima Rainha no effeito, pois quando a  
ausencia nos intima as saudosas faltas, soão na admiração as  
prodigiosas maravilhas.

Haverá pois em tanta agonia, em tanta falta, em tanta  
perda, & em tão venenoso tormento, algum lisongeyro po-  
deroso

deroso alivio? Sim: que se como Jerusaleem offerece tristezas, tambem como Jerusaleem inculca consolações. Quando Jeremias propõem o nosso thema, ameaça antes a mayor ruina: *In die illa peribit cor Regis, & cor Principum*, diz que no dia deste successo pereceria o coração d'el-Rey, & dos Principes, & assim se vio o coração do nosso serenissimo Rey perecendo ao tyranno combate da dor, & tambem os serenissimos Principes publicarão a terribel ansia em prantos, em desmayos, & em lamentos; mas para tamanho golpe dà S. Jeronymo a El-Rey nosso senhor o lenitivo: *Peribit cor Regis, cujus cor debet esse in manu Dei*. Se pereceo o coração á força da ansia, pondo na mão de Deos a vontade, terá remedio a pena. E se como Jerusaleem dà aos serenissimos Principes afflicções, como Jerusaleem inculca os alivios nas vozes do Profeta Baruch. Fala Jerusaleem na sua magoa, & consola a seus filhos na perda desta sorte: *Animaquiores estote filii, & proclamate ad Dominum: erit enim memoria vestra ab eo, qui duxit vos*. Animayvos, consolayvos filhos, & clamaý a Deos, que tereis eterna memoria daqu'elle, que foy vossa guia. Assim pôde dizer a nossa serenissima Rainha desde os etherios thronos da Gloria: *Animaquiores estote filii sustinendo patienter*, verte Lyra: Sofrey com paciencia o golpe, que ha de ser suprema a vossa memoria: *Erit memoria vestra in bonum*, prosegue Lyra. E porque? Porque o mesmo que foy a vossa guia, ha de ser a vossa gloria; na terra nascestes da mais real união, & desta vos provirá a mais resplandecente luz. E do mesmo Deos, que vos prometteo gloriosos: *Ipsè respiciet, & videbit*, participareis os esplendores excelltos: *Ab eo, qui duxit vos, idest, à Deo*, acaba Lyra: Porque na fortuna das melhores progenies possais aliviar com a memoria os prantos, que no fatal afogo das lastimas só ser:

D. Hier.  
in Hier.  
cap. 4.

Baruch.  
cap. 4.

Lyr. ad  
huc loc.

D. Gre-  
gor. Na-  
zianz.  
de cura  
paup.



Eccles.  
24.

E se notarmos a hum periodo da Divina Sabedoria, veremos nelle incluídos os successos da sua grandesa: *Et sic in Sion firmata sum, & in Civitate sanctificata similiter requievi, & in Jerusalem potestas mea. Et radicavi in populo honorificato, & in parte Dei mei hereditas illius, & in plenitudine Sanctorum detentio mea.* Fala a Divina Sabedoria, & diz, que teve em Sião a sua firmesa: *Et sic in Sion firmata sum;* & assim a nossa serenissima Rainha, que se ao Meyo dia se sitúa Sião, como diz meu Augustinho: *Sion quippe in Meridie,* tambem no Meyo dia está Portugal: *Et in Civitate sanctificata similiter requievi,* aqui se encontra a sepultura na Casa de Vicente santificada: *Et in Jerusalem potestas mea;* o nosso thema inclue este resplendor nas gloriosas analogias de Jerusalem: *Et radicavi in populo honorificato: Radices misi,* diz Janfenio. E na multiplicação dos serenissimos filhos deu a este Reyno as melhores raizes; povo honorificado pelo mesmo celestial auxilio: *Ipse respiciet, & videbit; & in parte Dei mei hereditas illius,* diz a Sabedoria que na parte de Deos consignou esta herança, justamente applicado este Texto a esta Monarquia, pois tem Deos na sua herança a melhor parte: *Imperium mihi stabilire. Et in plenitudine Sanctorum detentio mea,* profere ultimamente a mesma Sabedoria, que foy entre os Santos a sua detença; & assim a nossa serenissima Rainha nos primeyros alentos da mocidade passou ao supremo throno da Gloria, que não se havia de dilatar no mundo, porque a sua detença era só no Ceo: *Et in plenitudine Sanctorum detentio mea:* que se Sapia he o mesmo que Sophia, justamente lhe convém este sentido accommodatício à nossa serenissima Rainha, porque desabafando o coração no ardor dos afogos, alcance algum alento nos suspiros.

Mas ay que nada basta para o sentimento, porque não se pôde prender o discurso, & nem a alma he facil em se enganar, nem o pensamento docil para se suspender; porque no arrebatado impulso dos sentimentos não ha mayor impossivel

vel que os disfarces; & se Anna chorou com irremediaveis lagrymas do filho ausente as saudades: *Flebat igitur mater Tob. 10. ejus irremediabilibus lacrymis*; como serà hũa ausencia sem esperança, hũa pena sem consolação, hum tormento sem alivio, & hũa actividade sem remedio? No eclipse do Sol figurou hum erudito a morte de hum prodigio com esta letra: *Demit nil mihi, sed Orbi*. O mesmo se experimenta no caso presente, como Sol se eclipsou da nossa serenissima Rainha a luz, & se cobrio com funesto vapor; mas não lhe faltão os resplandores, só sente o mundo a falta dos lusimentos, que ao Sol eclipsado não se lhe tira o essencial ardor glorioso, só á terra se lhe usurpa o esplendor luido: *Demit nil mihi, sed Orbi*. Pois desta perda, desta falta, só fica no coração a memoria, que batalhando contra as constancias do espirito, enfraquece as firmesas do animo, & estalando na escondida habitação do peyto, mandão à voz o exhalado fragmento do suspiro: *Heu, heu, heu.*

Temos considerado a mayor esfera da magoa deste funebre panegyrico na turbulenta memoria, temos visto as tres penetrantes espadas nas tres melancolicas ruinas, do que se perdeu no nascimento, na vida, & na morte, & nunca enxuto o formidavel mavioso pranto fulmina em correntes desperdiços o mayor fogo; porque em liquidas victimas da lealdade se manifestem as justificadas adorações da reverencia.

Mas vòs, ò serenissima Rainha esclarecida, já com melhor diadema (como piamente cremos) coroada desde os elevados thronos que possuhis, podeis mitigar os soluços que causais; se nesse enlutado pyramidal obelisco lembrais as tyrannas memorias do nosso lamento, nesse Empyreo que gozais soberano, podeis inculcar as glorias do remedio appetecido. Como aquella excelsa Mulher do Apocalypse brilhais no supremo throno celeste: *Signum magnum apparuit in Apoc. 12. Celo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim.* Que se foy o Sol seu luzente vestido, se foy a Lua o flammigero calçado, & se



guarnecia de doze brilhantes estrellas da magestosa corôa as triuñfantes maravilhas, vós Augustissimo excelso affombro, vestistes o Sol nas claras luzes, calçastes a Lua nos fecundos rayos, & ostentastes das estrellas a gloriosa diadema, nos doze felices annos da vossa soberania. Rogay ao Altissimo Senhor, que vos exalta pela conservação, que este Reyno deseja, que se aquella Mulher causou ao infernal dragão a mayor ruina, vossos rogos lhe tornarão a vencer a astucia, para que todos nós ditos convertamos as tristes magoas em alegrias, os funestos apparatus em applausos, os horrores em gozo, as tristezas em jubilo, as infelicidades em honra, os golpes em delicia, as culpas em graça, & as mortalidades em gloria. *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Pater, Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*

LAUS DEO.



# L I C E N C I A S .

**V**ista a informação, pôde-se imprimir o Sermão, de que esta petição trata, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrà. Lisboa 19. de Janceyro de 1700.

*Castro. Carneyro. Fr.G. Monteyro*

**V**istas as informações, pôde-se imprimir o Sermão, que esta petição trata, & depois de impresso torna para se lhe dar licença para correr. Lisboa 5. de Fevreyro 1700.

*F.P.B.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 8. de Fevreyro de 1700.

*Roxas. Oliveyra. M.C.*